

# Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano

Women In The Rubber Plantations Of The State Of Amazonas: sociability and  
everyday life

## **Antonio Emilio Morga**

Universidade Federal do Amazonas - Brasil  
aemorga@ibest.com.br

## **Mônica Maria Lopes Lage**

Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil  
monica.lage@hotmail.com

### Resumo

Descritos pela historiografia regional como território masculino os seringais do Amazonas povoavam o imaginário sociocultural como lugar inóspito e selvagem. Lugar de doenças, brutalidades e de árduo trabalho. Os seringais se constituíram, ao longo do tempo, essencialmente masculinos. Entretanto, com a explosão comercial do látex, com a onda imigratória para o Amazonas na busca pela riqueza que jorrava farta pelo Rio Amazonas e seus afluentes, eis que surge na documentação pesquisada a visibilidade feminina. Nas páginas dos periódicos as mulheres surgiram numa pluralidade de possibilidades colocando e expondo seu cotidiano no mundo dos seringais. Poder-se-ia dizer que são imagens difusas sobre o viver feminino. Contudo, a sua maneira, as mulheres se fizeram presentes no mundo dos seringais.

Palavras-Chave: Seringal; Cotidiano; Imagens Femininas.

### Resumo

Described by regional historiography as a male territory, the rubber tree plantations of the state of Amazonas used to figure in socio-cultural imagery as a wild and inhospitable place. A place of diseases, brutality and hard work. The rubber tree groves were formed, over time, as a primarily male environment. However, with the commercial explosion of latex, along with the wave of immigration towards the state of Amazonas in search of the wealth that flowed fed by the Amazon River and its tributaries, the researched archives brings to light a visible female presence. In the pages of magazines, women assume a plurality of possibilities, revealing their daily lives in the world of rubber plantations. It could be said that the printed images compose a hazy portrait of female life. However, in their own way, women were present in the world of the rubber.

Keywords: Rubber plantation; Everyday life; Female images.



## Introdução

No apagar das luzes do século XIX e no crepúsculo do século XX o Amazonas vive um intenso movimento econômico e imigratório impulsionado pela riqueza da extração da borracha. O Estado do Amazonas neste período e as comarcas viviam um acentuado progresso. Seduzidas pela borracha, milhares de pessoas migraram para o Amazonas em busca de uma vida melhor. A possibilidade de educar os filhos e de possuir determinados bens atraiu estes imigrantes. Milhares deles abandonaram seus lares, suas cidades, amigos, compadres, familiares e partiram rumo ao novo eldorado – o Amazonas. Poder-se-ia dizer que embalados pelos seus sonhos e diante deles que homens, mulheres e crianças de diversas procedências sociais, econômicas e culturais se lançaram na doce aventura de desbravar e desvirginar a floresta farta e abundante de prazeres e riquezas. Por ela e nela homens e mulheres se entregaram em busca dos seus mais secretos sonhos e desejos.

Por volta de 1870, aproximadamente, começaram a surgir os primeiros seringais no Amazonas. Anteriormente, a borracha era colhida na região, pelos índios que trocavam as “drogas do sertão” por mercadorias. Somente a partir de 1870 quando a maciça migração nordestina atingiu o Amazonas é que os seringais surgem com a forma de organização gerencial – econômico administrativo e política.

O tráfego de pessoas nesses lugares era intenso. Na imensidão dos rios amazonas, os navios se entrecruzavam trazendo trabalhadores, crianças, mulheres (mãe, esposa, filha, prostitutas), comerciantes, seringalistas com interesses múltiplos, que desembarcavam diariamente nos portos improvisados nas encostas dos barrancos. Quando as embarcações atracavam o burburinho aumentava promovendo a

agitação do lugar.

As viagens nos vapores que cruzavam os rios, levando e trazendo mercadorias e pessoas, eram em sua grande maioria longas e levavam dias e dias até alcançar o destino. Nesse percurso faziam-se amizades, liam-se romances, faziam-se festas, jogavam-se cartas, dormia-se em redes, firmavam-se acordos comerciais, além das longas conversas sobre política e sobre os últimos preços da borracha na região.

Boa parte da literatura amazonense que trata desse período tende a dizer que inúmeros homens que foram para trabalhar diretamente na produção da borracha, como seringueiros, foram sozinhos, deixando mulheres e filhos em sua paragem de origem. Esse fato, explica, em parte, a escassez de trabalhos sobre a visibilidade feminina nos seringais. Entretanto, essa mesma literatura também indica que os homens que vieram em uma posição melhor, como patrões, profissionais liberais, cultores de letras e comerciantes, em sua grande maioria se fizeram acompanhados por mulheres e filhos, só que nem todas elas adentraram na mata, muitas preferiram estabelecer suas moradas nos “grandes centros” ou nas comarcas mais próximas aos seringais. E isso não implica em dizer que não havia mulheres nos seringais.

A vivência dessas mulheres nessas localidades trouxe de certa forma ares de urbanidade e de sociabilidade ao mesmo tempo em que trouxe a visibilidade feminina para os seringais, lugar, muitas vezes, descrito como inóspito e apresentado como território masculino.

O trânsito de mulheres nas comarcas era intenso. Além das que residiam no local, via-se constantemente grupos de mulheres ou até mesmo mulheres sozinhas, levando pelas mãos o filho caçula a choramingar, transitando pelas ruas tortuosas das pequenas vilas e comarcas. Também se encontravam nesse intenso burburinho àquelas que

Mulheres nos Seringais do Amazonas:  
sociabilidade e cotidiano

estavam de passagem pela região, visitando familiares, adquirindo os produtos das lojas, vendo as últimas novidades em tecidos e artigos de luxo, ou, simplesmente passeando.

As mulheres pertencentes à insipiente burguesia amazonense, oriunda do comércio da exploração da borracha, possuíam privilégios em relação às mulheres pobres. Além de terem destaque na iconografia, existe uma farta documentação sobre elas, possibilitando assim o resgate de suas histórias. Na iconografia é comum vermos

imagens de mulheres debruçadas nas janelas dos barracões, com olhares vagos para o terreiro, onde geralmente ficavam os homens em volta das grandes pélas<sup>1</sup> de borracha. (FIGUEIREDO, 1997.p.13)

Essas imagens buscam reproduzir a ideia de que possuir uma mulher no seringal era privilégio reservado apenas aos patrões, aos donos dos barracões, quando muito, privilégio somente daqueles que possuíam condições de mantê-las nos seringais.

Figura 1. Aspectos da Vida nos Seringais.



Nos jornais, bailam constantemente notícias sobre os encontros sociais frequentados por elas, anúncios sobre casamentos e óbitos, dicas de saúde e beleza, além de trazerem as últimas tendências sobre à moda de Paris, que influenciava as mulheres que viviam no entorno dos pequenos e grandes seringais. O mundo feérico se apresentava ao mundo feminino que habitava a cercanias da floresta com o fetiche dos ares da modernidade que adentrava a mata pelas correntezas dos seus rios.

Paris do século XIX e início do século XX não encantavam somente pelos traçados de suas ruas, avenidas e luzes que piscavam na imaginária de quem acalentava o sonho de um dia experimentá-la. Paris instigava pelo voar de sua civilidade trazida radiante pela Belle Époque que penetrava pelos recônditos mais distantes e secretos da sociedade amazonense. A feminilidade amazonense não se encontrava imune ao canto da sereia. Pelo contrário, encantava-se pela moda que a cidade das luzes ditava.

Paris é a cidade da moda, é a única parte do nosso globo que dá o verdadeiro tom, a nota sonante e harmoniosa ao coquetismo mundial, nos adornos femininos que tendem a prender o sexo contrario, enleando-o nas múltiplas esquisitas e sedutoras vestes, talhadas pela arte e traços sedutores. (JORNAL 'O ALTO MADEIRA', 11-12-1922).

Acompanhar a moda de Paris representava para a mulher da mata um exemplo de sofisticação e bom gosto, afinal elas tinham que aparecer bonitas nos bailes, nos encontros sociais, ao lado dos maridos, dos pais, dos filhos e dos pretendentes que geralmente eram patrões, coronéis, cultores das letras, filhos, profissionais liberais ou grandes comerciantes.

A cidade do século XIX é um espaço sexuado. Nela as mulheres, se inseriam como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido. Atrizes no verdadeiro sentido do termo, elas desfilam nos salões, no teatro ou no passeio público, [...].(PERROT, 1989, p. 10).

Inserido no mundo cosmopolita o mundo que constituía os seringais na medida do possível se integrava aos ventos de urbanidade, sociabilidade e de civilidade que varria a Europa. E na medida da prosperidade do comércio da borracha os comerciantes locais faziam de tudo para atender às necessidades das demandas de consumo oriundas dos seringais.

As lojas, para satisfazer sua clientela, apresentavam constantemente as últimas novidades em tecidos e artigos de luxo que enchiam os olhos das mulheres. Nas páginas dos periódicos locais proliferavam anúncios sobre uma gama de produtos como, por exemplo, este da loja 'Modas e Confecções', situada na comarca de Sena Madureira, na oportunidade a loja anuncia que aceita encomendas para enxovais, batizados e casamentos. O final do século XIX e início do século XX marca uma época em que era muito comum entre as mulheres da elite encomendar a uma modista seus belos vestidos ou até mesmo seus enxovais.

*Modas e Confecções* – A casa Marie vende artigos finos para senhoras e senhoritas, interessantes criações cariocas. Madame Mansourt, modista. Aceita encommendas de

enxovaes para baptizados, casamentos, etc. Rua Purus. (JORNAL 'O ALTO PURUS', 28-02-1915).

Um das mais conceituadas lojas femininas da região de Lábrea, lugar de grande concentração de seringais chamava-se Casa Catiana. Por meio das páginas do jornal '*Alto Purus*', ela anunciava à sua distinta clientela que suas prateleiras e seu estoque encontravam-se repletos de grande sortimento para atender às senhoras de fino trato.

Vestidos de sêda parisiense, vestidos brancos e de cores, espartilhos ultima moda, meias de sêda e fio de escossia, fitas de velludo e de sêda, rendas de crepú e de sêda ultima moda, sombrinhas de sêda, diversas côres, bolsas, bordados, ligas de galão de sêda, tafetá de sêda, luvas de sêda e algodão, camisa, camisões e combinações, anagoas, matinées, saia de casemira. (JORNAL 'O ALTO PURUS', 28-02-1915).

Em suas páginas, esse mesmo jornal anunciava para sua encantadora freguesia o que as lojas acabavam de receber, como um grande sortimento de luvas, chapéus, tecidos finos, seda, meias, sapatos, uma variedade de pulseiras e água de cheiro, tudo vindo da cidade das luzes. Segundo esse anúncio, esses artigos eram para mulheres de requinte e bom gosto. (JORNAL 'O ALTO PURUS', 18-08-1914)

Em 11 de abril de 1915, o comerciante Francisco Barreira Nana, estabelecido na Rua Amazonas, anuncia por meio das páginas do jornal '*Alto Purus*' que seu estabelecimento acabara de receber um grande sortimento de mercadorias de diversas procedências, tudo por preços cômodos:

[...], previne aos seus freguezes que acaba de receber optimo sortimento de calçados, chapéus, camisas para senhoras e homens; rêdes, brins especiaies, aqrreios para sellas, tinta e óleo, gasolina e muitos outros artigos. (JORNAL 'O ALTO PURUS', 11-04-1915).

Apesar de viverem na solidão da mata, as mulheres que habitavam nas cercanias das comarcas ou no entorno dos seringais se apresentavam em diversas oportunidades sociais, políticas e culturais com requinte e esmero. Contavam com a “cumplicidade” de um comércio que oferecia uma multiplicidade de bens de consumo que no entendimento das mulheres as deixavam sempre em dia com a *coquetterie*. Porque, além do se vestir bem, a moda suscitava no imaginário das mulheres mais abastadas certa distinção social: “[...], a moda corresponde ao desejo de distinção social. A maior parte das leis suntuárias atesta a intenção, [...], de manter as distinções de classe sobre as quais a sociedade repousava”. (SOUZA, 1987, p. 47)

Podemos dizer que a moda ao mesmo tempo em que empresta certa distinção social também produz sensualidade, exageros e exibem mutações econômicas. A intimidade corporal passa a ser mostrada. O frescor da sociedade das aparências e das representações transita com leveza e graça pelos olhares que contemplam a graciosidade dos movimentos.

Um dos princípios da moda parece ser o de que, uma vez aceito um exagero, ele se torna cada vez maior. Assim, no final da década, as saias armadas pelas crinolinas eram verdadeiramente prodigiosas, ao ponto de tornar impossível que duas mulheres entrassem juntas em uma sala ou sentassem no mesmo sofá, pois os babados dos vestidos ocupavam todo o espaço. A mulher era um

navio majestoso navegando orgulhosamente na frente, enquanto um pequeno escaler – seu acompanhante masculino – navega atrás. (LAVÉR, 1989, p. 178-179).

Não podemos esquecer lembrando Gilda de Mello e Souza que a distinção social por meio do vestuário a partir do século XV ganha outro sentido:

[...], descobriu-se que as roupas poderiam ser usadas com um compromisso entre o exibicionismo e o seu recalque (a modéstia). Desde então, [...], a de devassar o corpo, fazendo com que o exibicionismo triunfe sobre o pudor, o instinto sexual, [...]. (SOUZA, 1987, p. 47).

Instigante por suscitar no seu leitor e leitora certa inquietude, a nota publicada no jornal '*Alto Madeira*', por criticar os modos e o vestuário feminino de algumas moças casamenteiras, e distintas senhoras que compareceram na domingueira na residência de um dos mais abastados seringalista com vestidos que segundo o cronista eram insinuantes em demasia, deixando transparecer a opulências dos fartos colos e formas anatômicas que se tornava incomodo aos olhares desprevenidos. Diz ainda que certas modas e modos mais se aproximam das moças alegres parisienses que de tempos em tempos sobem ou descem o rio para refrescar os mais baixos instintos carnis de pobres homens que passam a vida na lida da extração da borracha. (JORNAL 'O ALTO MADEIRA', 20-10-1917).

Insinuações sobre os modos, a moda, a afetividade, a sociabilidade e a sexualidade feminina transpareciam com certa frequência nas páginas dos jornais. Sempre alertas, os baluartes da moralidade estavam atentos, vigilantes e questionando o comportamento que no olhar de quem vigia era considerado inconveniente: “A mulher sem pudor é

depravada, proclama Rosseau. [...]. E Rétif de La Bretonne diz: Renunciaste ao pudor do teu sexo; já não és uma mulher, o Homem já nada tem a ver contigo”. (BOLONGE, 1990, p. 11).

O jurista Viveiro de Castro (1897), em seu estudo sobre a moral feminina, assevera que a vida moderna levava a mulher a romper com a antiga educação que a preparava para a maternidade e para a vida 'na intimidade silenciosa do lar':

[...], e hoje temos a mulher moderna, vivendo nas ruas, sabendo de tudo, discutindo audaciosamente as mais escabrosas questões, sem fundo moral, sem freio religioso, ávida unicamente de luxo e sensações, vaidosa e fútil, presa fácil e muita vez até espontaneamente oferecida à conquista do homem. (RAGO, 1981, p. 144).

Entretanto, não podemos inferir que no Brasil do séc. XIX, somente as mulheres pertencentes a burguesia acompanhavam a moda. Nas camadas populares a moda perfilava acentuando a sensação democrática nos usos e costumes como bem ressalva Gilda de Mello e Souza:

[...], é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breve. (SOUZA, 1987, p. 47).

O confinamento da mulher na intimidade do lar, teoria difundida por várias correntes no século XIX, tinha como objetivo implícito evitar a desagregação familiar. É importante

## Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano

observar que o discurso médico-higienista associava o crescimento urbano à dissolução dos usos e costumes. Assim, o pensamento médico e jurídico do século XIX fornecia argumentos para normatizar as práticas afetivas femininas.

O século XIX, em especial, reforçou muitas concepções negativas e estigmatizantes sobre a condição feminina, principalmente ao recorrer a métodos supostamente científicos para provar sua inferioridade física e mental em relação ao homem. (SOUZA, 1987, p. 148-9).

A reclusão, portanto, segundo os moralistas era apresentada como um meio para evitar a desonra. A mulher nos dizeres da cientificidade tratava de elaborar conceitos referentes ao viver feminino:

A reclusão da mulher era, portanto, a melhor garantia para a sua honestidade e boa forma, como se a própria sociabilidade e a participação na vida da comunidade constituíssem outras tantas ocasiões de pecado. (SILVA, 1984, p. 69).

No transcurso do século XIX, aprisionadas pelos discursos morais, éticos, jurídicos, religiosos e sexuais, as mulheres se

Figura 02. Armazém.



entretinham diante do bucólico tédio do mundo privado colecionando objetos que as remetiam a lembranças de um tempo de entregas secretas, ora aprisionando o rosto do amado de aventuras vividas, ora recordando por meio das lágrimas momentos experimentados. “As mulheres têm paixão pelos porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: [...], permitem aprisionar o rosto amado, [...], alimentam uma nostalgia indefinidamente declinada”. (PERROT, 1989, p. 10).

Entretanto não podemos inferir ao universo dos seringais que somente as mulheres pertencentes à principesca burguesia amazonense em ascensão ditavam a moda e as práticas de sociabilidade e afetividade. Nas camadas populares, a moda perfilava acentuando a sensação democrática nos usos e costumes como bem ressalva Gilda de Mello e Souza:

[...], é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breve. (SOUZA, 1987, p. 21).

A sensação de igualdade, 'lugar de expressão privilegiada', a moda e o modo de se vestir expressavam essa 'sensibilidade nova', ou seja, essa maneira de ser e de estar inserido no mundo cosmopolita – 'o desejo de purificar' o corpo, a alma, os usos e costumes de um cotidiano repleto de ambiguidades e inquietudes. Nessa perspectiva, a principesca burguesia amazonense “segue sua carreira luxuosa num cenário adaptado aos próprios gostos e recursos”. (DIBIE, 1988, p. 83).

Podemos dizer que a moda ao mesmo

tempo em que empresta certa distinção social também produz sensualidade, exageros e exibem mutações econômicas. A intimidade corporal passa a ser mostrada. O frescor da sociedade das aparências e das representações transita com leveza e graça pelos olhares que contemplam a graciosidade dos movimentos.

Um dos princípios da moda parece ser o de que, uma vez aceito um exagero, ele se torna cada vez maior. Assim, no final da década, as saias armadas pelas crinolinas eram verdadeiramente prodigiosas, ao ponto de tornar impossível que duas mulheres entrassem juntas em uma sala ou sentassem no mesmo sofá, pois os babados dos vestidos ocupavam todo o espaço. A mulher era um navio majestoso navegando orgulhosamente na frente, enquanto um pequeno escaler – seu acompanhante masculino – navega atrás. (LAVER, 1989, p. 178-9).

Segundo Gilberto Freyre, no nordeste patriarcal, onde a vontade do homem sobre a mulher cujo papel na vida masculina era ser um objeto ornamental, com a finalidade de se embelezar para aos olhos dos seus homens, os adornos “passaram a constituir testemunho do apreço dos homens” diante de suas mulheres que, "

[...], por suas graças físicas que deviam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente feminina" (FREYRE, 1987, p. 42).

Outra característica formulada por Freyre para o gosto feminino pelos atavios é correlacionada à miscigenação sanguínea e aos aspectos socioculturais do Brasil patriarcal. (MORGA, 1994, p. 48) A essa



reciprocidade de influências, na moda feminina, pode-se acrescentar:

[...], a de adornos de Nossa Senhora e de santas, mulheres, que, de adornos de altar, passaram a ser adaptados a mulheres comuns, ou que, de mulheres comuns, foram transferidos ao status de adorno de santas (FREYRE, 1987, p. 42).

E é dentro desse cenário de luxo e de recursos que os seringais propiciaram que o periódico '*O Alto Purus*', em 25 de abril de 1915, em sua coluna de curiosidades traz ao seu indulgente leitor algumas considerações sobre o uso de adornos:

- Julgam as senhoras em geral que podem usar sem prejuízo continuamente as suas jóias, guarnecidas de pedras preciosas. Enganam-se, pois e tais condições as jóias se alteram profundamente.
- As perolas finas, em especial, usadas sem discrição, amarelam, perdem o oriente e acabam positivamente morrendo. O brilho das pedras preciosas gasta-se a luz.
- A esse respeito fizeram-se em Paris, experiências cujos resultados tornaram concludentes. Rubis e outras pedras preciosas foram colocadas uns expostos a luz e outros na obscuridade e ninguém durante dois anos lhes tocou.
- Ao cã desse tempo, compararam-se as pedras referidas. As que tinham ficado na obscuridade estavam como antes da experiência; expostas a luz, tinham sofrido consideravelmente na cor e no brilho.
- Quanto as opalas, são geralmente delicadas. O seu efeito prismático

resulta das miríades de ranhuras microscópicas existentes na pedra. E nas opalas usadas com demasia freqüência, essas ranhuras desfazem-se e em breve a pedra se torna completamente baça e apagada. (Jornal *O Alto Purus*, 25/04/1915).

O uso de joias nas manifestações de festa e fé religiosas por mulheres, ao que tudo indica, era constante nesses acontecimentos socioreligiosos. Contudo, como demonstra Mary Del Priore que para além do ritual sacro, esses espaços se constituíam no imaginário popular: “[...], também em espaços secularizados: pontos buliçosos de reunião, praças de congregamento, palcos para a explosão da libido e até mesmo arenas de violência”. (PRIORE, 1987, p. 89).

E foi exatamente em uma briga não explicada por um cronista do jornal '*O Purus*', que no leilão em benefício da igreja de Nossa Senhora de Narareth na sessão de objetos perdidos anunciava-se: “Gratifica-se com 50\$000 a pessoa que tiver encontrado um anel de brilhante perdido no leilão de Nossa Senhora de Nazareth e fizer restituição nesta redação”. (JORNAL '*O ALTO PURUS*', 30-11-1915).

Dias depois, o cronista insinuava pelas páginas do mesmo jornal que a peleja de sopapos e tapas ocorrera em virtude de um marido enciumado, diante dos gracejos trocados em confidências entre sua bela esposa e um charmoso galanteador da região. Insinua ainda, o nosso cronista, que a bela morena-esposa se encontrava trajada em um lindo vestido azul marinho, vindo de Paris exclusivamente para a festa, de decote generoso, deixando transparecer os graciosos e fartos colos opulentos. E ao finalizar suas insinuações ele pergunta aos apreensivos leitores, que olhares atentos e observadores da beleza deixariam escapar tão imensa

paisagem singela?

No jogo de sedução que se estabeleceu não era importante quem seduziu ou quem era seduzido. Não havia vencedor ou vencido, mas duas pessoas que aprendiam a se conhecer. [...], uma longa abordagem amorosa que reclamava tempo, paciência e o prazer de uma sublime gradação feita também de espertezas e descaminhos para ficarem a sós. (PRIORE, 2008, p. 147).

É interessante notarmos que a moda no Brasil no final do século XIX e início do século XX sofria forte influência da moda parisiense, sendo que seu ponto de chegada ao país era a cidade do Rio de Janeiro, que, por sua vez, ditava as tendências para as outras regiões do Brasil. Mas acompanhar a moda nesse período não era peculiar ao mundo feminino, como bem mostrou Antonio Emilio Morga ao pesquisar sobre a elegância masculina em Nossa Senhora do Desterro<sup>2</sup> no século XIX. Sua pesquisa aponta que o traje masculino possuía na perspectiva do mundo burguês desterrense a representação e aparência das formalidades da nova urbanidade instaurada na sociedade desterrense do século XIX: “A necessidade de estar bem trajado diante não somente das conveniências sociais, mas, sobretudo, diante das formalidades de um mundo público, requeria certos cuidados”. (MORGA, 2009, p. 231).

Segundo o autor, esses cuidados com as aparências e representações requeriam o exercício constante diante de um mundo de mutações constantes. Onde as formas de desejos e encantos se davam em uma pluralidade de simbologias impregnadas de sentidos diversos.

Simular o exercício das mutações excessivamente tediosas pelas

ambigüidades corriqueiras de um cotidiano carregado de representações simbólicas de certa castidade homilias se colocava para os modernos como aprendizado constante de um mundo cintilante de encantos, sonhos e desejos. (MORGA, 2009, p. 231).

Porém, no recôndito da mata, a condição em que viviam as classes menos privilegiadas era de tamanha pobreza que algumas mulheres não tinham o que vestir, e muitas usavam roupas feitas com tecido de estopa e juta. Como relata o viajante Joaquim Gondim, ao descrever a condição em que encontrou algumas mulheres em viagem feita ao rio Purus.

No baixo rio pude aquilatar do grão de miséria dos habitantes penetrando em barracas onde muitas pessoas não apareciam, envergonhadas do seu estado de nudez. Muitas mocas pobres usam saias de estopa, e as que ano possuem este vestuário ridículo e atestador da miséria, cingem parte do corpo com o próprio cobertor que lhes serve durante o sono. (RELATÓRIO, Dois anos de saneamento no Amazonas, 1940, p. 12).

À medida que nos distanciamos das comarcas ou dos 'grandes centros', aonde geralmente residiam as mulheres mais privilegiadas economicamente, e seguimos em direção à mata, ao seringal, deparamo-nos com um quadro bastante diferente do que foi apresentado até aqui.

As mulheres que residiam na mata eram mulheres acostumadas ao trabalho pesado, habituadas a lavar as roupas nos rios, a subir e descer ladeiras com filhos nos quadris, a encerrar a casa com argila, a cozinhar no fogão a lenha, a passar as roupas na brasa, a

cuidar da pequena horta nos fundos do quintal, enfim, mulheres que viviam um cotidiano distinto ao das mulheres urbanas.

Os seringais, onde essas mulheres viviam se localizavam em meio à selva, cercado por mata fechada, cheia de bichos, plantas e animais. Os barracões onde geralmente se localizava toda a sede administrativa ficavam em um lugar mais acessível próximo a um igarapé, por onde os seringueiros passavam, de preferência uma vez por semana para fazer os devidos acertos com o patrão. Eram casebres de madeira com varanda ao redor, janelas grandes e, geralmente, ficavam suspensos do chão, escorados com paus.

O romancista Paulo Jacob, ao descrever o seringal Andirá consegue expressar de forma brilhante como eram estes barracões e seu entorno:

A mata cerrava perto. Os galhos abraçando o alpendre, mordendo as negras paredes de itaúba do velho barracão do seringal Andirá. No interior, o cheiro ativo de estiva. Embaixo das grandes pernas da construção, ciscavam as galinhas, patos babujavam à lama, grandes porcos, com os pés fartos de bicho de pé, metiam a focinheira no solo, revolvendo a terra. Um cão com as orelhas caídas, corpo ossudo de fome, rosnava para um gato pirento. Em frente rolava o igarapé da Anta. (JACOB, 2003, p. 71).

Quando surgiram os seringais no Amazonas, por volta do ano de 1870, o número de mulheres que moravam neles era bastante reduzido e só aumentou à medida que os seringais foram ficando mais populosos. Estudos comprovam que em determinadas regiões não havia a presença de uma mulher sequer, e essa situação fazia com que os seringueiros se sentissem sozinhos e solitários. “O grau de isolamento variava,

contudo de um lugar para outro, sendo pior no oeste da Amazônia, escassamente povoado, que parece ter atraído seringueiros solteiros e solitários”. (WEINSTEIN, 1993, p. 42).

A ausência de mulheres brancas e 'honradas' na mata fez com que os seringueiros recorressem a mulheres índias e as prostitutas, buscando nelas suprir toda falta que uma mulher podia causar.

Os estudos apontam que várias foram as tentativas de amenizar a falta de mulheres nos seringais do Amazonas, desde encomendá-las às casas aviadoras até retirá-las à força dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais. Recuperando a narrativa de Alfredo Lustrosa Cabral, Cristina Wolff, registra em diversas passagens de seu trabalho a condição de Manaus como pólo fornecedor de prostitutas aos seringais do interior. Mostrando que tudo era feito com a aquiescência das autoridades públicas:

A polícia de Manaus, de ordem do governador do Estado, fez requisição nos hotéis e cabarés dali de umas cento e cinquenta rameiras. Com tão estranha carga, encheu-se um navio cuja missão foi a de soltar, de distribuir as mulheres em Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá. Houve destarte, um dia de festa e de maior pompa que se tinha visto. (WOLFF, 1999, p. 86).

A prática de enviar mulheres para lugares distantes, onde elas representavam a minoria em relação aos homens, não parece ter sido um ato apenas das autoridades do Amazonas, pois Leila Mezan Algrant afirma que a gênese desse comportamento se encontra desde o estabelecimento dos primeiros portugueses no Brasil. Poucas eram as mulheres que acompanhavam seus maridos na travessia perigosa do Atlântico, cujos riscos atiçavam a imaginação com crenças

em monstros e relatos de naufrágios que aterrorizavam a população, porém a visão paradisíaca das novas terras induzia os homens mais aventureiros e menos temerosos a enfrentarem a travessia. As mulheres, entretanto, permaneciam no reino à espera do retorno de seus maridos, espera, muitas vezes, prolongada que se tornava infrutífera. Bem cedo, portanto, a Coroa e os agentes colonizadores defrontaram-se com o problema de falta de mulheres brancas que pudessem casar com os portugueses na América e auxiliar na conquista e no povoamento da colônia no início da colonização. Para a historiadora Algranti:

[...], a primeira medida empreendida pela Coroa para amenizar a falta de mulheres, concentrou-se no envio de órfãs que pudessem casar-se no Brasil. Com esse Intuito Manuel da Nóbrega, solicita ao monarca que envie donzelas, mesmo que não fosse das mais honestas. (ALGRATIN, 1993, p. 53).

Nenhum estudo rigoroso foi feito sobre a história das mulheres que foram enviadas aos seringais do Amazonas para servirem como prostitutas. Pouco se sabe sobre a história que elas construíram ao chegarem aos seringais, quantas se adaptaram, quantas rejeitaram o novo modo de vida, quantas se casaram e constituíram famílias, quantas optaram por continuar na vida do meretrício ou quantas retornaram a Manaus, estas são perguntas que ainda carecem de respostas.

Contudo, a mulher de “vida fácil” foi tida por muito tempo como um mal que deveria ser extirpado das ruas, porque não se incluíam no cenário moderno das grandes cidades brasileiras em ascensão, elas faziam parte do mundo da desordem como mostrou Magali Engel:

[...], a ordem na sociedade do séc. XIX era constituída por três mundos, o mundo do governo, constituído pelos grandes homens, o mundo do trabalho, constituído pelos escravos e o mundo da desordem, que era o mundo ligado ao não trabalho, onde habitavam as prostitutas, os mendigos, os pobres e todos aqueles que viviam a margem da sociedade poluindo o cenário social. (ENGEL, 1989, p. 58).

O ato de retirar as prostitutas das ruas e dos cabarés de Manaus e enviá-las aos seringais do Amazonas cumpria assim duas funções sociais distintas: a de 'limpar' as ruas de Manaus que vivia o auge da *Belle Époque* e a de satisfazer as necessidades ardentes dos seringueiros. Com o passar dos anos, as migrações foram aumentando e a diferença entre a quantidade de homens e de mulheres nos seringais foi diminuindo, um maior equilíbrio entre os gêneros foi se estabelecendo, com a vinda de pessoas dos mais diversos lugares, em maior número do nordeste, esses migrantes foram tomando seus lugares na mata e estabelecendo ali seus costumes, sua cultura e seu modo de viver.

Ao chegarem, as mulheres foram se agrupando as outras que já residiam nos seringais, na maioria das vezes essas eram esposas ou filhas de seringalistas, seringueiros ou de comerciantes locais. Aos poucos elas foram se inserindo nas mais variadas atividades econômicas que os seringais ofereciam, podendo trabalhar diretamente na extração da borracha, cuidar da pequena horta<sup>3</sup> que a maioria dos seringueiros possuía nos fundos do quintal para ajudar na subsistência da família, cuidar da casa e dos filhos ou, ainda, trabalhar na extração de outros produtos da floresta.

Além das funções acima mencionadas, algumas mulheres se destacavam na floresta por exercerem atividades como parteiras, rezendeiras, feiticeiras ou curandeiras. Essas mulheres exerciam influências sobre os demais habitantes da mata. Para Cristina Sheibe:

[...], foram elas que acudiram as espinhelas caídas, os peito-aberto, mal de reza, mal de mulher, dor de dente, dor de goela, zipra, cobreiro, quebrante e foram elas que fizeram os partos, fácies e difíceis dos muitos filhos dos seringais. (WOLFF, 1999, p. 134).

Por muito tempo a vida no seringal seguiu um percurso normal, com muito trabalho, muitas dificuldades e algumas alegrias, mas, com a crise da borracha, as coisas mudaram e os habitantes da mata tiveram que encontrar outros meios de sobrevivência. Por volta do ano de 1911, milhares de pessoas começaram a abandonar os seringais em busca de trabalho em regiões urbanas, e a sobrevivência dos seringueiros que ali permaneceram foi garantida pela diversidade das atividades, que só foi possível com a incorporação de mulheres ao grupo e a formação de grupos familiares que passaram a centralizar a produção.

A história das mulheres que viveram nos seringais do Amazonas não é diferente das histórias de muitas mulheres que viveram em outras regiões interioranas espalhadas pelo Brasil. As que tiveram o privilégio de nascer ou de passar a fazer parte da burguesia em ascensão puderam desfrutar do luxo e do conforto que a riqueza da borracha ofereceu. Já as que não tiveram a mesma sorte foram obrigadas a encontrar uma maneira de reinventar a vida. Em um cotidiano, talvez, hostil aos que permaneceram no outro lado da margem econômica do Amazonas da

borracha.

---

1 Bola de borracha.

2 Atual cidade de Florianópolis.

3 Sobre o cultivo de hortas, sabe-se que a princípio essa era uma prática proibida pelo patrão, afinal era de seu interesse manter o seringueiro somente na extração da seringa, mas essa proibição com o tempo foi dissolvida.

### Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**. José Olympio, Brasília: Edunb, 1993.

BOLONGE, Jean Claude. **História do pudor**. Rio de Janeiro: Elfos Ed./Lisboa: Teorema, 1990.

DIBIE, Pascal. **O quarto de dormir: um estudo etnológico**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **No tempo dos seringais**. São Paulo: Atual, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

JACOB, Paulo. **Andirá**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria do Estado de Cultura/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

LAVÉ, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

MORGA, Antonio Emilio. **Nos subúrbios do desejo. Masculinidade e sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no século XIX**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MORGA, Antonio Emilio. **Práticas Afetivas Femininas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX**. 1994. Dissertação (Mestrado em História Social) – Setor de Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, p. 9 - 18, 1989.

PRIORE, Mary Del. Deus da licença ao diabo: A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XVIII. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História da Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 90 - 113.

PRIORE, Mary Del. **Condessa de Barral: a paixão do Imperador**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das Roupas: A Moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

WOLFF, Cristina Sheib. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

*Periódicos: Acervo do Museu  
Amazônico/AM*

Jornal O Alto Madeira, 20 -01-1917.

Jornal O Alto Purus, 25-04-1915.

Jornal O Alto Purus, 11-04- 1915

Jornal O Alto Madeira, 11-12-1922.

Jornal O Alto Purus, 28-02-1915.

Jornal O Alto Purus, 18-08-1914.

Arquivo Público do Estado do Amazonas/AM.

Relatório - Dois anos de saneamento no Amazonas, p 12.

Recebido em 21 de maio de 2014.  
Aceito em 29 de junho de 2014.